

Quando as máquinas escrevem notícias: Uma análise sobre os desafios éticos do uso da inteligência artificial no jornalismo¹

Giovanna Canha Crescitelli²

Prof. Dr. Leonardo Sakamoto³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a integração da inteligência artificial (IA) ao jornalismo, com o objetivo de entender se essa tecnologia está redefinindo as práticas jornalísticas e o papel dos jornalistas. A pesquisa é justificada pela crescente implementação de IA nas redações e suas potenciais implicações para a profissão jornalística. A hipótese central é que, embora a IA possa aumentar a eficiência das operações jornalísticas, ela também traz desafios significativos, especialmente relacionados à ética e à manutenção da qualidade do conteúdo.

Palavras-chave: Inteligência artificial, jornalismo, ética jornalística, automação, análise de dados.

Metodologia e Objetivos

Os sistemas de geração de texto por IA, conhecidos como Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs), como o ChatGPT, são capazes de criar textos coerentes e contextualizados. Utilizando aprendizado de máquina, esses sistemas interpretam e replicam padrões complexos de linguagem, representando uma interseção significativa entre tecnologia e linguística.

Para investigar a integração da inteligência artificial no jornalismo e avaliar suas implicações éticas e profissionais, este trabalho adotou uma abordagem metodológica mista,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo (IJ01-Jornalismo), evento integrante da programação do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-SP, email: giovannacrescitelli@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da PUC-SP,

combinando técnicas de análise qualitativa com entrevistas semiestruturadas. A metodologia foi projetada para capturar uma compreensão profunda tanto das mudanças práticas quanto teóricas que estão ocorrendo na profissão jornalística devido à adoção da tecnologia de IA.

A análise documental foi realizada abrangendo relatórios de tendências para a mídia, que forneceram insights contemporâneos sobre o uso e as projeções futuras da inteligência artificial no jornalismo. Esses documentos foram essenciais para entender as direções atuais e esperadas que a tecnologia de IA está moldando na indústria jornalística. O principal referencial teórico é a obra "Uma História Social da Mídia" de Peter Burke e Asa Briggs, utilizado para fornecer um contexto histórico. Esta literatura ajudou a traçar o desenvolvimento do jornalismo como campo e a interpretar as transformações atuais à luz de teorias e práticas históricas.

As entrevistas semiestruturadas⁴ foram conduzidas com profissionais do jornalismo brasileiro, incluindo Rodrigo Ratier, Eugênio Bucci e André Deak. Estas entrevistas exploraram as experiências e percepções desses jornalistas sobre a integração da IA no jornalismo. As perguntas, preparadas previamente, abordaram temas como a implementação de tecnologias de IA nas redações, o impacto desta tecnologia na qualidade e eficiência da produção jornalística, e as questões éticas que emergem do uso de algoritmos na criação de conteúdo. As respostas forneceram visões valiosas sobre como a IA está sendo percebida e utilizada por profissionais atuantes no campo.

Os dados coletados, tanto das entrevistas quanto dos documentos, foram analisados utilizando técnicas de análise de conteúdo qualitativa. Esta análise envolveu a codificação dos dados para identificar e interpretar temas recorrentes, padrões e insights. A integração desses dados permitiu uma análise detalhada das implicações práticas da IA no jornalismo, bem como uma reflexão sobre as mudanças teóricas e éticas associadas a essas práticas.

Esta abordagem metodológica mista assegurou uma compreensão holística e fundamentada das transformações induzidas pela IA no jornalismo, contribuindo para um diálogo informado sobre o futuro da profissão e as melhores práticas no uso de tecnologias avançadas no campo jornalístico. A análise final revelou que, enquanto a IA oferece numerosas vantagens em

⁴ As entrevistas estão na íntegra nos anexos do TCC original.

termos de eficiência e capacidade de análise, ela também apresenta desafios significativos, especialmente em termos de ética jornalística e manutenção da qualidade do conteúdo.

MÁQUINAS QUE ESCREVEM TEXTOS

Os sistemas de geração de texto por Inteligência Artificial (IA) são modelos computacionais projetados para entender e processar a linguagem natural, sendo capazes de gerar textos de forma coerente e contextual. Conhecidos como Modelos de Linguagem de Grande Escala (*Large Language Models* - LLMs), esses sistemas utilizam aprendizado de máquina - particularmente redes neurais profundas para interpretar e gerar linguagem natural - e são treinados com grandes volumes de dados textuais, o que lhes permite reconhecer e replicar padrões complexos de linguagem. Eles são projetados para realizar uma variedade de tarefas como tradução, resumo, e geração de texto (DUQUE-PEREIRA; MOURA, 2023).

John Searle é um filósofo americano que, em 1980, formulou o "Dilema do Quarto Chinês" para avaliar os limites da inteligência artificial ao diferenciar simular entendimento e possuir uma compreensão genuína, desafiando a ideia de que a execução de programas de computador podem instanciar cognição genuína em máquinas. (MARIUTTI, 2024).

Imaginemos uma pessoa que só se comunica em português, confinada em um quarto cheio de carimbos com símbolos em chinês. Ela recebe um manual escrito em português com instruções para manipular esses símbolos conforme determinada pergunta feita usando os símbolos em chinês. Para um observador externo, parece que a pessoa domina o idioma chinês porque ela está respondendo corretamente às perguntas. No entanto, a pessoa está apenas seguindo as instruções do manual, sem compreender realmente a língua chinesa.

Esse cenário mostra que um humano não adquire domínio do idioma chinês apenas porque está seguindo instruções. Um computador, assim como a pessoa no quarto, manipula símbolos e segue instruções (o programa) sem qualquer compreensão do que esses símbolos são. Ele simplesmente executa operações predefinidas, mostrando que a aparente inteligência do computador é apenas uma simulação, não uma verdadeira cognição. (MARIUTTI, 2024)

A compreensão superficial do contexto por parte de máquinas como o ChatGPT ocorre porque esses modelos de IA são limitados aos padrões e exemplos contidos nos dados

com que foram treinados. Eles não têm experiência de mundo real ou consciência contextual autônoma; eles apenas simulam uma compreensão baseada em correlações estatísticas dos dados. Atualmente, a máquina não pode ter uma compreensão mais profunda do contexto de maneira autônoma, pois falta a ela a capacidade de interagir com o mundo de uma maneira que acumule conhecimento com base na experiência em diferentes contextos, como os humanos fazem. A capacidade de compreensão que uma máquina pode ter está sempre ligada à qualidade e à abrangência dos dados usados no seu treinamento. No caso do CHATGPT, Duque-Pereira e Moura (2023) afirmam:

O ChatGPT, treinado em vastos volumes de texto, internaliza nuances linguísticas, desde a sintaxe até a semântica. Ele não apenas reconhece padrões gramaticais, mas também entende contextos, metáforas e ambiguidades. Palavras polissêmicas, que têm múltiplos significados, são interpretadas pelo ChatGPT com base no contexto em que são apresentadas. Assim, ele pode discernir se 'banco' se refere a uma instituição financeira ou a um objeto utilizado para se sentar, dependendo da frase. Esse entendimento contextual é um testemunho da profundidade de seu treinamento linguístico, com a utilização da semântica distributiva." (p. 4)

No contexto da inteligência artificial, "alucinações" referem-se a erros, isto é, a momentos em que o modelo gera informações falsas ou distorcidas que parecem plausíveis. Esses erros podem surgir devido a tendências nos dados de treinamento ou limitações na capacidade do modelo de interpretar contextos complexos. Por exemplo: o modelo pode gerar afirmações factualmente incorretas, como datas erradas, nomes trocados ou eventos que nunca ocorreram. Duque-Pereira e Moura (2023) explicam:

No universo dos LLMs, um fenômeno que tem despertado atenção e cautela é o que a comunidade técnica denomina de 'alucinação'. Estas alucinações referem-se à geração de palavras ou frases pelos LLMs que são desprovidas de sentido, gramaticalmente inconsistentes ou até mesmo incorretas. Diversos fatores podem contribuir para tais inconsistências, incluindo o treinamento do modelo com dados insuficientes, de baixa qualidade ou com ruídos. Além disso, a falta de contexto adequado ou restrições no momento de fornecer um prompt também podem induzir o modelo a alucinar. O impacto dessas alucinações não é trivial, pois podem resultar em saídas de informações imprecisas e enganosas. (p. 14)

Ghost newsrooms

O termo *ghost newsrooms* refere-se a redações jornalísticas desprovidas de jornalistas. Essas redações são mantidas com o mínimo de pessoas possível: operam com conteúdo

sintético gerado por inteligência artificial. Uma mídia sintética é uma imagem, vídeo ou áudio manipulado por ou gerado inteiramente por Inteligência Artificial (SCHICK, 2020). Portanto, o conteúdo sintético é o conteúdo gerado ou manipulado por AI e pode apresentar tanto características realistas quanto irrealistas, ou seja, os conteúdos sintéticos podem não ser verídicos ou não corresponderem à realidade.

Nesse contexto, a *ghost newsroom* não apenas opera com poucos ou nenhum jornalista, mas também utiliza tecnologia para criar conteúdo que pode não ter supervisão editorial adequada ou envolvimento humano significativo no processo de criação. Isso levanta questões éticas importantes sobre originalidade, transparência e atribuição, especialmente se o conteúdo gerado por IA estiver copiando ou reformatando informações de outras fontes. E a falta de crédito adequado - que pode ser considerada uma forma de plágio – acaba se tornando praticamente o “menor” dos problemas trazidos pela prática. (NEWMAN, 2024).

O artigo “CLONE PAN: Jovem Pan usa plataforma de plágio com nome de Samy Dana para copiar reportagens de outros sites” do Intercept Brasil, publicado em 25 de janeiro de 2024, destaca como a Jovem Pan utilizou uma plataforma de IA chamada *Samy News* para automatizar a criação de conteúdo, substituindo jornalistas reais. Essa ferramenta permitiu à empresa manter a produção de notícias mesmo após demissões significativas na redação, decorrentes de cortes no orçamento devido à perda de receita com anúncios publicitários.

O uso da IA pela Jovem Pan, conforme descrito na referida reportagem, revela que “as matérias vêm da inteligência artificial prontas e ficam disponíveis no publicador da Jovem Pan em modo de rascunho, já com título”. A empresa contava com 18 jornalistas em 2023, começou janeiro de 2024 com 11 e terminou o mês com apenas 7 profissionais que passaram a checar se o conteúdo sintético tinha erros passíveis de plágio. No período seguinte às demissões, as reportagens sintéticas teriam aumentado de 21,8% para 66,7% das publicações diárias.

Tanto o caso da editora Abril como o da Jovem Pan podem ser classificados como formas de *ghost newsroom* porque sugerem o uso de plataformas de IA para substituir o trabalho jornalístico - o que permite manter o volume de publicações com um número reduzido de jornalistas dependendo de conteúdo gerado automaticamente. Os *ghost*

newsrooms levantam preocupações significativas sobre a qualidade e a profundidade da cobertura jornalística (NEWMAN, 2024).

Para Eugênio Bucci, professor e pesquisador na ECA-USP, com quem conversei para entender as questões trazidas pelo uso de AI no jornalismo, a falta de jornalistas no processo de produção e publicação de notícias tende a construir uma cobertura menos crítica.

Na produção de reportagens investigativas, por exemplo, o escrutínio de questões ligadas à procura por pautas e aos efeitos da publicação da notícia exige a presença de um jornalista, defende Bucci. Ele também defende que ainda é impossível para a máquina replicar a capacidade de análise e compreensão do jogo político por trás da produção da matéria devido a sua dificuldade de captar e entender as nuances em que nós, humanos, navegamos.

Bucci conclui de forma apropriada: "As tecnologias não são o centro da nossa profissão". Incluindo a IA, tecnologias novas continuarão a influenciar o jornalismo, mas a dimensão política do jornalismo e o seu compromisso com a verdade permanecem inalterados.

O professor enfatiza que a mudança tecnológica é um aspecto familiar do jornalismo. Na entrevista, ele afirma que há muito tempo temos inovações tecnológicas no campo profissional do jornalismo, destacando a presença duradoura dos avanços tecnológicos. Esses marcos ilustram o impacto transformador de cada nova tecnologia, desde a radiodifusão até as plataformas digitais, cada uma deixando uma impressão duradoura na produção e no consumo de notícias. Dessa forma, cada inovação contribuiu significativamente para a evolução das práticas jornalísticas.

O advento do rádio nos anos 1920 e o da televisão nos anos 1950 trouxeram novas formas de transmissão de notícias (BRIGGS; BURKE, 2009). Os jornalistas tiveram que adquirir habilidades para trabalhar com áudio e vídeo, além de adaptar suas técnicas de narrativa para formatos mais imediatos e visuais.

Com a chegada da internet nos anos 1990, esses profissionais enfrentaram a necessidade de se familiarizar com a publicação *online*, de interagir com audiências globais e de navegar em um ambiente digital dinâmico. E, posteriormente, o surgimento das redes sociais nos anos 2000 exigiu ainda mais adaptabilidade, com a necessidade de compreender algoritmos, engajamento de audiência e verificação de informações em tempo real.

André Deak, professor de cinema e jornalismo na ESPM e coordenador do Laboratório de Formatos Híbridos (LabFor)⁵, na mesma instituição, bem como pesquisador do LabCidade da FAU-USP, mencionou, quando o entrevistei, o modo como a internet, desde seu início, afetou a indústria do jornalismo: "Eu acompanhei o início da web desde 1994, quando chegou ao Brasil. Em 1998, quando entrei na faculdade de jornalismo, substituíram as máquinas de escrever na redação da faculdade por computadores."

Ele destaca que a internet permitiu a troca de texto livremente, o que antes era a primazia dos jornais, revistas e televisões, e observa: "De repente, num primeiro momento, a gente vê todo mundo escrevendo sobre tudo e presencia o surgimento de muitos blogs, principalmente".

Doutor em Design pela FAU-USP, Duek começou a trabalhar com comunicação na internet apenas três anos após a abertura da internet comercial no Brasil em 1995. Sobre as mudanças no jornalismo, ele relata: "(...) curiosamente o meu mestrado foi sobre as chamadas Novas Profissões do jornalista no Brasil. E aí eu investigava algumas fronteiras do conhecimento que alguns jornalistas de ponta estavam experimentando naquela época, 2011, quando eu fiz isso lá na ECA. Essas novas funções dos jornalistas no Brasil eram gestor de redes sociais, gestor de mídias sociais, programador, jornalista, *web producer*, produtor de site. Naquela época tinha uns dois ou três fazendo isso. Hoje as redações estão coalhadas de gente que faz isso."

Rodrigo Ratier complementa a visão de que as novas tecnologias, uma vez introduzidas, são integradas nas operações rotineiras das redações. Ele observa que "uma parte do jornalismo de fato já está automatizada, com um tipo de inteligência artificial que não é a generativa." Ele exemplifica com a produção de textos que parte de tabelas e *templates*, e que informações são automaticamente organizadas e publicadas. Ratier é Doutor e atua como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP, além de pesquisador do grupo COM+, criado em 2006, que reúne pesquisadores da USP e de outras instituições para discutir e produzir conteúdos no campo da comunicação, mídia e jornalismo

⁵ O LabFor, que Deak coordena, é um centro dedicado à produção de conteúdos jornalísticos utilizando novas linguagens e formatos inovadores, um espaço em que os estudantes aprendem, pesquisam e experimentam diferentes abordagens jornalísticas em oficinas e que integra o Centro Experimental de Jornalismo da ESPM. Ele também é responsável pelo desenvolvimento das plataformas para transmissão *online* de eventos ao vivo do Instituto CPFL Cultura, além de diretor da premiada agência de comunicação e produtora multimídia Liquid Media Lab,

digitais, bem como cofundador do curso *online* "Vaza, Falsiane", que combate notícias falsas e desinformação, promovendo a educação midiática e o uso responsável das informações digitais.

O processo de automação permite que informações estruturadas, como resultados eleitorais ou estatísticas esportivas, sejam transformadas em artigos com mínima intervenção humana, destacando a capacidade da tecnologia de assumir tarefas jornalísticas repetitivas e menos complexas. Ratier explica que muitas entradas na Wikipédia são geradas dessa forma, com sistemas que extraem dados de planilhas para criar artigos consistentes.

Bucci destaca a adaptabilidade das práticas jornalísticas, que absorvem novas ferramentas e metodologias sem interromper fundamentalmente o fluxo de trabalho.

Ratier e Deak mencionam a utilização de ferramentas como o ChatGPT para resumos de jogos de futebol, informativos sobre balanços de pagamentos e outras matérias feitas com base na publicação de atividades repetitivas - como fechamento das bolsas de valores. A tecnologia continua a avançar em um ritmo extraordinário - muito além da capacidade da maioria de nós de absorver e entender. Faz pouco mais de dois anos desde o lançamento público do ChatGPT, e ainda estamos nos estágios iniciais de entender suas implicações.

Embora a tecnologia possa auxiliar os jornalistas em várias tarefas, ela não pode substituir completamente o elemento humano e as habilidades únicas que os jornalistas trazem para a profissão. *"Falava-se muito de pós-jornalismo e, em determinado momento, da pós-verdade. Como viver numa era em que a verdade não importa mais? Isso é difícil para quem é jornalista. No entanto, acredito que o jornalismo ainda é uma das funções mais importantes e básicas como uma salvaguarda para a democracia que esperamos. O jornalista tem a capacidade de entender política e relações políticas para trazer isso à profissão"*, comenta Deak.

Bucci reconhece que a IA pode simular muitas habilidades humanas, como detectar pausas na linguagem ou entender a linguagem corporal, mas enfatiza que há aspectos da condição humana e da prática democrática que a IA não pode substituir. "Assim como a máquina pôde aprender a jogar xadrez, ela poderá aprender muitas outras coisas. (...) A questão essencial é entender que as relações políticas são indelegáveis. Veja só, a inteligência

artificial organizou sistemas bancários, catalogação, mecanismos de busca e georreferenciamento. Mas ela não faz democracia ", argumenta ele.

O professor afirma que a mediação da democracia é ação humana e que a prática do jornalismo é essencialmente política e centrada na busca pela democracia. Nesse sentido, ele vê a dimensão humana do jornalismo como insubstituível. Em suas palavras, a "máquina pode ajudar a democracia, como fazemos com a votação eletrônica no Brasil, mas não a cria. A democracia decorre da condição humana e se dirige à condição humana, e isso é essencial para o jornalismo. O jornalismo é um campo, um saber, uma prática essencialmente política. Ele só faz sentido na busca pela democracia e naquilo que o ser humano aparece como origem e fim da vida social. Nessa perspectiva, há algo de insubstituível na dimensão humana do jornalismo."

A capacidade de realizar investigações, entrevistar fontes e analisar informações de maneira crítica e contextualizada ainda é uma habilidade insubstituível do jornalista humano. Ratier também sublinha a importância da formação técnica e crítica para os jornalistas, que precisam se familiarizar com ferramentas tecnológicas e desenvolver um entendimento profundo das implicações éticas do uso de IA. Ele enfatiza que a IA, apesar de suas capacidades, não pode substituir as habilidades humanas de conduzir investigações, entrevistar fontes e analisar informações de maneira crítica e contextualizada, elementos que permanecem exclusivos do jornalista humano.

O campo do jornalismo sempre esteve sujeito a inovações tecnológicas que moldam e remodelam suas práticas ao longo do tempo. Esse padrão histórico revela que os avanços atuais em inteligência artificial (IA) não representam uma mudança sem precedentes, mas sim uma continuação de uma tendência de longa data.

Conforme Bucci afirmou em sua entrevista, "as tecnologias não são o centro da nossa profissão". Essa perspectiva ressalta que, embora a tecnologia continue a evoluir e impactar o jornalismo, a essência da profissão - o compromisso com a verdade e a responsabilidade social - permanece inalterada. A IA, portanto, deve ser vista como uma ferramenta poderosa que pode complementar e aprimorar as práticas jornalísticas, mantendo seus princípios fundamentais.

Assim, a incorporação da IA no jornalismo é uma continuação natural do padrão histórico de adaptação às inovações tecnológicas, refletindo a resiliência e a capacidade de evolução da profissão em resposta às novas demandas e oportunidades.

JORNALISTA “CIBORGUE”

A IA pode aumentar a eficiência, automatizando tarefas e analisando grandes volumes de dados, mas também traz desafios éticos e profissionais significativos. A dependência de conteúdo gerado por IA pode comprometer a autenticidade e a profundidade das reportagens, desafiando noções tradicionais de autoria e precisão.

Na entrevista realizada com Ratier, ele aborda uma crise mais ampla no jornalismo, incluindo a perda de credibilidade e o impacto na função de fiscalização da profissão. Destaca que o “jornalismo perdeu o monopólio que talvez, em algum momento histórico, tenha tido”. Esse monopólio referia-se à profissão legitimada socialmente para fazer o relato e o comentário sobre a realidade. Ele reconhece que a IA pode intensificar esse movimento se for utilizada de maneira negativa, sem regulação ou com a redução da força de trabalho. Isso pode resultar em um aprofundamento do descrédito e, conseqüentemente, no enfraquecimento das funções ligadas à profissão jornalística.

Deak, também na entrevista que realizei, argumenta que, enquanto houver criatividade no jornalista, a profissão estará segura; no entanto, ele observa que muitas redações se transformaram em fábricas de textos, seguindo manuais rígidos que limitam a criatividade. Essa padronização contribui para uma crise de leitura, pois os textos jornalísticos se tornaram insípidos e repetitivos. O professor alerta que a dependência de conteúdo gerado por IA pode exacerbar esse problema, já que a máquina até pode substituir tarefas técnicas, mas não a criatividade essencial do jornalismo.

Os jornalistas de hoje necessitarão encontrar um equilíbrio entre o uso de novas tecnologias e a manutenção dos padrões éticos e jornalísticos, adaptando-se para atender um público que exige rapidez e confiabilidade na informação em um ambiente de mídia em constante evolução.

Essa integração não apenas auxilia na eficiência e velocidade da produção jornalística,

mas pede transformações, ainda que preserve a natureza do que significa ser um jornalista. As ferramentas digitais permitem uma nova forma de narrativa multimídia e interativa, essencial para atrair audiências modernas acostumadas ao consumo rápido de informação digital, entretanto não bastam em si próprias para garantir o sucesso.

As ferramentas digitais permitem uma nova forma de narrativa multimídia e interativa, essencial para atrair audiências modernas acostumadas ao consumo rápido de informação digital. Entretanto, não é sinônimo de aprender as entranhas das ferramentas tecnológicas disponíveis. Dominar e, principalmente, entender como funcionam essas ferramentas já é o suficiente para conseguir empregá-las de forma positiva. Não é necessário entender o funcionamento do motor de automóvel para dirigi-lo e se locomover por aí.

Como observou Bucci, os jornalistas que sabem programar em HTML, navegar na *Deep Web* e utilizar ferramentas de inteligência artificial se destacam entre seus pares. Ratier acrescenta a importância da "engenharia de *prompt*", ou seja, a habilidade de formular perguntas eficazes para ferramentas de IA generativas como o ChatGPT como diferencial. Apesar da integração de novas tecnologias, os princípios éticos do jornalismo permanecem inalterados. Bucci e Ratier enfatizam a necessidade de uma formação ética robusta, que inclui discussões sobre autoria, citação de fontes e transparência no uso de IA. A ética jornalística deve guiar o uso de tecnologias para assegurar a credibilidade e a integridade da informação.

Apesar da integração de novas tecnologias, a estrutura central da educação jornalística permanece estável. Bucci argumenta: "mas a formação do jornalista ela não teria, na minha maneira de ver, que passar por uma revisão estrutural ao contrário." Ele sugere que, embora habilidades técnicas específicas possam ser adicionadas, os princípios fundamentais da educação jornalística devem permanecer constantes. Isso destaca o valor duradouro dos princípios jornalísticos e da educação humanística, mesmo à medida que a profissão evolui. Ratier reforça essa visão ao discutir a importância de uma formação ética robusta: "Além dessa formação mais técnica, cabe a construção de um olhar mais crítico em relação a esse novo artefato humano." Ele sublinha a necessidade de discussões sobre autoria, citação de fontes e transparência no uso de IA na produção jornalística.

A metáfora do "jornalista ciborgue" captura a essência da adaptabilidade necessária na profissão jornalística contemporânea. Integrando-se com as inovações tecnológicas, os

jornalistas podem ampliar suas capacidades, melhorar a eficiência e manter a relevância em um ambiente de mídia em rápida transformação. Ao mesmo tempo, a manutenção de princípios éticos e o foco na criatividade humana asseguram que o jornalismo continue a desempenhar seu papel vital na sociedade.

A capacidade de integrar novas tecnologias de maneira ética e eficaz define o jornalista do futuro. E, como afirmou Bucci, com quem concordo, "(...) não acho que as tecnologias são o centro da nossa profissão e mais ainda eu acho que elas nunca foram sendo a nossa profissão." Dessa forma, é possível dizer que a tecnologia é uma ferramenta poderosa, mas é a aplicação consciente e criativa dessa ferramenta que continuará a definir a essência do jornalismo.

Ratier destaca a importância da "engenharia de *prompt*," ou seja, como fazer as perguntas corretas para as inteligências artificiais generativas. Ele enfatiza que "esse é um trabalho que pode ser realizado tanto dentro da academia quanto fora", destacando a necessidade de uma formação técnica e crítica sobre o uso dessas novas ferramentas.

Deak complementa ao discutir que a profissão de jornalista foi impactada pela necessidade de novas habilidades: "O estudante que está na faculdade vai ser contratado para trabalhar na rede social, com sorte de algum veículo jornalístico, se não de alguma empresa qualquer." Para ele, a técnica continuará evoluindo, mas a criatividade é um domínio em que a IA ainda não pode competir plenamente: "A inteligência artificial é boa para reproduzir a técnica, mas não a criatividade."

Embora as tecnologias tenham transformado o jornalismo ao longo das décadas, Bucci também aborda as limitações dessas ferramentas, especialmente em relação ao que é inerentemente humano no jornalismo.

Ratier complementa essa visão ao destacar as limitações atuais da IA em contextos éticos e de apuração: "A questão ética, por exemplo, é um enorme desafio para a inteligência artificial, porque a ética jornalística tende a ser muito contextual." Ele também defende que a coleta de novas informações por meio de entrevistas e testemunhos em primeira pessoa é um campo em que a IA ainda não substitui os humanos de forma eficaz.

CONCLUSÕES

O lançamento do ChatGPT pela OpenAI intensificou as discussões públicas sobre IA, e se essa tecnologia poderia substituir os jornalistas. Casos como o de Vanessa Tavares e Clonapan sugerem que a substituição já está ocorrendo, de certa forma. No entanto, a questão não é tão simples. Através de entrevistas e revisões teóricas, ficou evidente que a IA não substituirá o jornalista, mas sim transformará a prática jornalística, criando novas oportunidades e desafios. As entrevistas revelaram respostas multifacetadas, destacando a importância da ética como um limite crucial para a operação da IA no jornalismo.

Essa percepção alinhou-se com a literatura e os relatórios sobre tendências de mídia, mostrando que o verdadeiro desafio está em como o jornalismo e seus gestores de redação irão absorver e integrar este novo salto tecnológico. Ao concluir este trabalho, reconheço que a pergunta central evoluiu de "A IA vai substituir o jornalista?" para "Como o jornalismo vai integrar a IA?". A tecnologia continua a avançar rapidamente, e o jornalismo deve acompanhar essas mudanças, sempre mantendo um olhar crítico e ético.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

CHERUBINI, F.; SHARMA, R. Changing Newsrooms 2023 Media Leaders Struggle to Embrace Diversity in Full and Remain Cautious on AI Disruption. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-12/Cherubini_Changing_Newsrooms_2023.pdf>. Acesso em 12 jun. 2024.

CHANGING NEWSROOMS 2023: Media leaders struggle to embrace diversity in full and remain cautious on AI disruption. Reuters Institute for the Study of Journalism. Disponível em:

<<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/changing-newsrooms-2023-media-leaders-struggle-embrace-diversity-full-and-remain-cautious-ai>>. Acesso em em 12 jun. 2024.

DUQUE-PEREIRA, I. da S.; MOURA, S. A. de. Compreendendo a Inteligência Artificial Generativa na Perspectiva da Língua. SciELO Preprints, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7077>. Acesso em 11 jun. 2024.

HARAWAY, Donna J., “A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century” In: Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature, New York, Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz, Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano, Belo Horizonte, Autêntica, 2009, 2a ed.)

IBGE DIGITAL. O impacto transformador da inteligência artificial na geração de conteúdo e imagem: uma jornada evolutiva. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/ibge-digital/38980-o-impacto-transformador-da-inteligencia-artificial-na-geracao-de-conteudo-e-imagem-uma-jornada-evolutiva.html>. Acesso em 17 maio. 2024.

INSTITUTO REUTERS PARA O ESTUDO DO JORNALISMO. Digital News Report 2024: Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions. 2024. Disponível em: [\[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024\]](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024). Acesso em 12 jun. 2024.

KATHERINE HAYLES, N. How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics. Chicago, IL (USA): University of Chicago Press, 1999.

MARIUTTI, E. B. Ordem espontânea, complexidade e caos: tempo, criatividade e incerteza. Lugar Comum. Estudos de mídia, cultura e democracia, n. 63, p. 48–76, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/52246/28500>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARIUTTI, E. B. REGIMES ESCÓPICOS EM DISPUTA: DIGITALIZAÇÃO, METAMORFOSE DA PERCEPÇÃO E VIAS PARA A PÓS-MODERNIDADE. Campinas:

Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 431, 2022- . ISSN 0103-9466. Disponível em: <https://www.ie.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD434.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

NEWMAN, N. Journalism, media, and technology trends and predictions 2024. Reuters Institute for the Study of Journalism. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2024>>. Acesso em 12 jun. 2024.

RIBEIRO, P. V. Jovem Pan usa plataforma de plágio com nome de Samy Dana para copiar reportagens de outros sites. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2024/01/25/jovem-pan-usa-plataforma-de-plagio-com-nome-de-samy-dana-para-copiar-reportagens-de-outros-sites/>>. Acesso em: 17 maio. 2024.

TEIXEIRA, Pedro S. Abril retira do ar textos sob suspeita de terem sido escritos por IA. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/03/abril-retira-do-ar-textos-sob-suspeita-de-terem-sido-escritos-por-ia.shtml>>. Acesso em 17 maio. 2024.